

O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant. Maria Helena Valentim Duca Oyama (Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2009). Orientadora: Eurídice Figueiredo

A REVOLUÇÃO HAITIANA: REPRESENTAÇÃO E PARADIGMA

Os escritores e intelectuais caribenhos contemporâneos, em suas reflexões sobre questões identitárias, vêm abandonando cada vez mais o ângulo puramente local e privilegiando uma perspectiva relacional – no sentido que dá ao termo o escritor martinicano Édouard Glissant – que enfatiza os encontros e as interfaces entre essas diferentes histórias, sem esquecer os laços problemáticos com as antigas metrópoles. Daí o interesse de um trabalho como *O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire et Glissant*, que se elabora justamente segundo esse eixo.

Maria Helena Valentim Duca Oyama, em sua tese, examina como a Revolução haitiana – ou como prefere a autora, a Revolução de *Saint Domingue* – transformou-se, no século XX, para outros escritores caribenhos, em um paradigma que lhes permitiu refletir sobre suas problemáticas particulares. Além disso, a autora analisa o tratamento do tema em textos de autores franceses do século XIX que, obviamente por razões diversas, também elegeram essa revolução como objeto. Como explicita a autora, seu objetivo é “fazer uma análise da representação do Haiti e de seus heróis a fim de mostrar como ele se tornou o *locus* ficcional da identidade caribenha” (p. 13).

O *corpus* principal é constituído pelas seguintes obras: o romance *El reino desse mundo* (1949), do cubano Alejo Carpentier, o ensaio *Toussaint Louverture. La révolution française et le problème colonial* (1962), a peça de teatro *La tragédie du roi Christophe* (1963), do martinicano Aimé Césaire e a peça *Monsieur Toussaint* (1961), do também martinicano Edouard Glissant. A autora trabalha ainda com o que chama de *corpus* complementar: o drama *Toussaint Louverture* (1839-1850), de Alphonse de Lamartine e o romance *Bur-Jargal* (1818-1826), de Victor Hugo.

Trata-se de um tema relevante, na medida em que, como explica Duca Oyama, apoiada em Walter Mignolo, a Revolução de

Saint-Domingue “é um elemento crucial para a formação da modernidade caribenha e latino-americana”, já que introduz “a ideia de resistência (...) com uma dimensão internacional” (pp. 12-13). Mas, embora emblemático por fazer do Caribe um lugar de contestação da ordem colonizadora, o acontecimento histórico foi silenciado pela ação de “duas ideologias geopolíticas e linguísticas dominantes: a Anglo-americana e a América Hispânica”. Donde o isolamento do Haiti, depois da independência.

A tese, cuja fundamentação teórica se adequa bem ao objeto, desperta interesse e se lê com prazer, por ser bem escrita e bem organizada. A hipótese é desenvolvida em três etapas. O primeiro capítulo é dedicado aos principais projetos de construções identitárias no Caribe e na América Latina, com o propósito de mostrar os contextos intelectuais distintos dos quais emergem as diferentes apropriações da Revolução haitiana e de seus heróis: o real maravilhoso de Carpentier, o indigenismo de Jean-Price-Mars e Jacques Roumain, a negritude de Césaire, a antilhanidade e a criouliização de Glissant, além da noção de geopoética caribenha de Daniel Maxim.

O segundo capítulo constitui uma apresentação analítica do contexto histórico. São abordados os acontecimentos, seus protagonistas e as consequências da Revolução, como uma preparação para a leitura das obras que elegeram o Haiti como *locus* ficcional. São ressaltadas as ambiguidades tanto do gesto revolucionário quanto de seus heróis.

O terceiro capítulo apresenta e analisa as diferentes encenações desse *locus* ficcional, em acordo com os projetos poéticos e políticos de cada um desses autores, apontando para o diálogo, o entrecruzamento tanto desses pensamentos quanto de suas manifestações estéticas.

A diversidade genérica do *corpus* pode ser motivo de incômodo para alguns, já que a questão não é, de fato, problematizada, o que, em alguns – poucos – momentos, parece colocar certas dificuldades para a análise crítica comparativa de alguns aspectos das obras. É o caso da questão da coexistência de várias temporalidades do mundo colonial, que se traduziria, na narrativa de Carpentier, segundo Maria Helena, pelo procedimento da colagem, estratégia que é bem desenvolvida e bem analisada por ela. Porém, ao tentar abordar a mesma questão, na obra de Glissant, a autora se limita a afirmar que “a temporalidade é subvertida, na medida em que as constantes retomadas das falas dos personagens remontam a outras épocas, ligadas às insurreições” (p. 111), sem realmente desenvolver o ponto. A análise, aqui, parece se tornar inviável, na

medida em que a estética do teatro se pauta em estratégias diferentes daquelas que são mobilizadas na narrativa. São apresentadas, na “Introdução”, duas justificativas para esse hibridismo genérico. De um lado, a escolha de gêneros diversos para compor o *corpus* tornaria o trabalho “coerente com as teorias modernas que defendem a abolição das fronteiras entre gêneros literários” (p. 14). De outro, “a representação identitária do Haiti, e de seus heróis (...), é delineada pelo fio histórico da revolução de *Saint Domingue*. Esse fio condutor permite-nos afirmar que, se as tomarmos cronologicamente, uma complementa, aprofunda ou expande a outra, como se a intenção de cada autor fosse dar continuidade à obra anterior” (p. 18). Depreende-se da segunda justificativa que o eixo de análise escolhido é antes temático-histórico e, nesse sentido, despreza as distinções formais tradicionais, para se interessar pelos diversos modos de apropriação política do acontecimento. A opção de Glissant e Césaire pelo gênero teatral, nesse sentido, como explica a autora (pp. 16-17), obedeceria à necessidade de criar uma consciência coletiva, de se aproximar do povo, o que, para os dois autores seria uma urgência naquele momento histórico.

Percebe-se um pequeno desequilíbrio no tratamento do *corpus* no que diz respeito à obra *Monsieur Toussaint*, de Glissant, que fica um pouco esquecida, em proveito das análises bem desenvolvidas e fundamentadas das outras obras que constituem o *corpus* principal. Algumas propostas teóricas esboçadas inicialmente, como “o conceito de discurso ‘estereótipo’”, de Homi Bhabha (p. 15), não são retomadas no momento da análise do *corpus*. Entretanto, isso não prejudica de fato esse trabalho, marcadamente glissantiano, que nunca perde de vista seu apoio teórico principal. A começar pela proposta metodológica da autora: “associ[ar] o tempo ficcional com o tempo histórico” (p. 18) que se encontra em perfeito acordo com a epígrafe do primeiro capítulo, ponto de partida para a reflexão. No fragmento escolhido, Glissant propõe o resgate do passado através de uma “visão profética”, ou seja, poética, única possibilidade, segundo ele, de restituir a uma comunidade uma história ocultada pela história oficial. O que nos parece mais relevante porém é que o próprio argumento desenvolvido na tese se constrói na esteira do pensamento do autor antilhano. A noção de Relação, tal como foi exposta em *Poétique de la relation* (1990), inspira o diálogo entre as distintas formas de apropriação de um acontecimento emblemático, “os projetos poéticos e políticos se entrecruzam,

num verdadeiro processo de relação, de rizomas, na medida em que conceitos ou noções iniciais se completam e aprofundam”(p. 147). Também outra noção glissantiana, a de *Détour* (Desvio), pode iluminar o fato de todos esses autores reescreverem, cada qual a seu modo, a Revolução haitiana como mediação para pensar suas questões identitárias particulares, se opor às interpretações e projetos existentes e propor novas soluções. Assim, como explica a autora, duas visões políticas se confrontam nas peças de Césaire e de Glissant. Na primeira, o personagem Toussaint Louverture é “um mártir, um herói vítima, que acertou nas suas tomadas de decisões ‘de circunstância’” (p. 150), interpretação que não deixa de ser uma justificativa para a decisão política do próprio Césaire em aceitar a Lei de Departamentalização da Martinica (1946), fazendo dos habitantes da ilha cidadãos franceses. Em *Monsieur Toussaint*, a crítica ao protagonista se transforma em mediação para criticar a própria decisão de Césaire, construindo a figura de “um dirigente confuso” (p. 151). Glissant propõe que só uma reflexão coletiva pode levar a uma saída, o que teria de passar forçosamente pelo reconhecimento de uma identidade marcada pela heterogeneidade, pela convergência de várias matrizes. Essas observações permitem ver que, nesse trabalho, o eixo teórico que se elegeu preferencialmente, o pensamento de Glissant, funciona efetivamente como elemento estruturador e argumentativo.

A tese de Maria Helena Valentim Duca Oyama, pela relevância do tema, pela abrangência da proposta, pela escolha do *corpus*, pela leitura crítica das obras, pela documentação e fundamentação teórica, nos parece constituir um texto de referência para pesquisadores que desejem explorar as questões identitárias e as manifestações estéticas caribenhas.

Jovita Maria Gerheim Noronha (UFJF)